

# Haplologia na formação de palavras das Cantigas de Santa Maria

(Haplology in the word formation of the Cantigas de Santa Maria)

Natália Cristine Prado<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr/UNESP-Araraquara)

natalia\_cristine\_prado@yahoo.com.br

**Abstract:** This research aims to present and discuss the haplology process that occurs in word formation involving the suffix *-çon* in Archaic Portuguese (AP). In the analysis of the data, we note that OCP is one of the factors that play a role in the cases making syllables with the feature [+ coronal] on the onset not be adjacent syllables in the formation of derivatives with *-çon*. We further note that the syllable which is deleted is a light and unstressed CV, while the suffix is a complex and heavy syllable and therefore it receives the main stress. At the same time, the morphological suffix carries the information needed to create a new word, and it is essential for the creation.

**Keywords:** haplology; word formation; Archaic Portuguese; phonological processes.

**Resumo:** Esta pesquisa visa a apresentar e discutir o processo de haplologia que ocorre na formação de palavras que envolvem o sufixo *-çon* em Português Arcaico (PA). Na análise dos dados, notamos que o OCP é um dos fatores que atuam nos casos encontrados fazendo com que sílabas com o traço [+ coronal] no onset não fiquem adjacentes na formação dos derivados em *-çon*. Observamos ainda que a sílaba eliminada é leve, átona e do tipo CV, enquanto o sufixo é uma sílaba complexa e pesada e, portanto, recebe o acento principal. Ao mesmo tempo, o sufixo carrega as informações morfológicas necessárias para criar uma nova palavra, o que o torna primordial na estrutura da palavra que está sendo criada.

**Palavras-chave:** haplologia; formação de palavras; português arcaico; processos fonológicos.

## Introdução

O objetivo deste estudo é observar o fenômeno da haplologia desencadeado pela formação de nomes deverbais envolvendo o sufixo *-çon* em Português Arcaico (doravante PA). A haplologia é um tipo de processo fonológico (também conhecido como processo morfofonológico) que altera a forma dos morfemas. Desta maneira, dizemos que, “quando uma forma básica lexical serve de motivação para uma regra fonológica, acontece um processo morfofonológico” (CAGLIARI, 2002, p. 82). Este trabalho surge da necessidade de pesquisar processos morfofonológicos não tão estudados na formação de palavras do português na época medieval em uma análise que considera a interface Fonologia-Morfologia. Trata-se de um estudo histórico da língua portuguesa – o que configura uma abordagem conhecida como “sincronia no passado” (MATTOS e SILVA, 2006).

Desenvolvemos este trabalho utilizando como *corpus* de pesquisa as 420<sup>1</sup> Cantigas de Santa Maria (doravante CSM) do Rei Afonso X, o sábio. Como representantes legítimas do período arcaico, escolhemos as CSM porque elas são uma das fontes mais ricas do

---

<sup>1</sup> Não estamos contando as cantigas que se repetem – Mettmann (1986, p. 7 e 24; 1987, p. 356), Parkinson (1998, p. 179) e Bertolucci Pizzorusso (1993a, p. 142).

galego-português, em termos lexicais (cf. METTMANN, 1972, 1986, 1988, 1989) e, segundo Parkinson (1998, p. 179), um monumento literário e musical da mais elevada importância.

Massini-Cagliari (2005, p. 21) chama a atenção para o fato de que, durante muito tempo, as CSM foram “praticamente esquecidas como fonte primária do português (ou galego-português) medieval”. Um dos motivos principais para se desconsiderar as CSM como fonte legítima do PA advém do fato de que muitos estudiosos acreditam que Afonso X não era falante de galego-português, mas sim, do castelhano. Assim, “a questão que daí surgia era a seguinte: é legítimo considerar o produto de castelhanos (?) escrevendo em galego-português como uma manifestação ancestral do Português?” (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 21). Entretanto, alguns estudiosos vêm levantando hipóteses de que o Rei Sábio possa ter sido falante nativo de galego-português. Peña (1973, p. XIX), por exemplo, acredita que a escrita de uma obra tão grandiosa como as CSM por Afonso X não seria um fato “*tan estraño si tenemos en cuenta que mui probablemente el rey fue criado en Galicia*”. Já Filgueira Valverde (1985, p. XIV) garante que Afonso X viveu nove anos na Galiza durante a infância: de 1223 a 1231, justamente na fase de aquisição da língua materna (dos dois aos onze anos).

Dessa forma, mesmo que o rei seja também falante nativo de castelhano e que esta língua possa trazer interferência “no galego-português do texto, principalmente se a Cantiga é da lavra do próprio Rei” (LEÃO, 2002, p. 3), podemos considerar que Afonso X, o sábio, tinha um profundo conhecimento do galego-português, por conta da sua educação como monarca e do período que passou na Galiza durante a infância. Assim, ele pode ter optado por escrever as CSM nessa língua considerada na época “o verdadeiro idioma literário; tão manejado pelo rei Dom Afonso e por tantos outros poetas dos Cancioneiros” (LEÃO, 2007, p. 21). Leão chama a atenção para a riqueza lexical das CSM:

do ponto de vista do léxico, as Cantigas apresentam uma riqueza imensa (como também, embora em menor grau, as cantigas de escárnio), pois não se limitam à tópica amorosa como as cantigas de amigo e de amor. Ao contrário, elas nos falam não só da vida religiosa, mas da vida em toda a sua complexidade, constituindo talvez o mais rico documento para o conhecimento da mentalidade, dos costumes, das doenças, das profissões, da prostituição, do jogo, dos hábitos monásticos, de todos os aspectos enfim do cotidiano medieval na Ibéria. (2007, p. 152-153)

Conseqüentemente, ao escrever uma obra de temática tão rica e complexa, com uma estrutura formal rígida, o rei sábio comprova sua proficiência (e a de seus possíveis colaboradores) no idioma, o que convalida as CSM como representantes legítimas da língua da Galiza.

A importância da nossa pesquisa reside, sobretudo, no fato de que praticamente não existem trabalhos sobre processos de formação de palavras em línguas antigas, como o PA. As gramáticas históricas, em geral, tratam pouco do assunto, priorizando a listagem dos afixos mais utilizados na formação de palavras. Dessa forma, como neste trabalho estamos interessados na formação de palavras, optamos pelo estudo dos processos de construção do léxico numa perspectiva gerativista. Portanto, partindo da perspectiva de que o léxico não é apenas um depósito de idiosincrasias, nosso estudo traz uma observação do fenômeno da haplogogia que ocorre na adjunção do sufixo *-çon*

às bases verbais, tendo em conta a constituição do léxico através de regras de formação de palavras em PA.

## O conceito de haplologia

O conceito de haplologia é discutido em alguns trabalhos, sendo alvo de controvérsias. Para Camara Jr. (2004[1964], p. 134), a haplologia é um processo morfofonêmico que ocorre na composição ou derivação e que consiste na supressão de uma sílaba, exclusivamente entre duas sílabas iguais e contíguas, como nos casos das palavras *semínima*, em vez de *\*semimínima*, e *Candinha*, em vez de *\*Candidinha*. Ao contrário do que afirma Camara Jr. (2004[1964], p. 134), veremos adiante que trabalhos atuais sobre o PB mostram que a haplologia pode ser também sintática; além disso, alguns autores consideram que esse fenômeno pode ocorrer também entre sílabas com alguma semelhança e não necessariamente idênticas.

Segundo Crystal (2000, p.137), haplologia é um termo da fonologia que indica a “omissão de alguns dos sons que ocorrem em uma sequência de ARTICULAÇÕES semelhantes”. Como exemplo o autor cita as palavras *library*, pronunciada /laɪbrɪ/, segundo ele, e *tragicômico*, formada de *trágico* + *cômico*. Nesses casos, alguns dos sons suprimidos são semelhantes, como vemos nas sílabas <ra> e <ry> da palavra inglesa *library*, e/ou totalmente iguais como <co> e <co> de *trágico* e *cômico*.

Uma forma frequente de sistematizar esse fenômeno é através do Princípio do Contorno Obrigatório (doravante OCP), que proíbe elementos adjacentes idênticos num mesmo plano. Plag (1988, p. 199) lembra que, embora o tópico não seja novo, ainda não se sabe exatamente o que causa a haplologia:

morphological haplology is generally viewed as a dissimilatory process that interacts in some way with morphological structure. In spite of a long research tradition on this pervasive phenomenon, the exact nature of morphological haplology has remained obscure.

Segundo Plag (1998, p. 199), estudos recentes sobre haplologia morfológica descrevem o processo como sendo uma maneira de evitar materiais fonéticos ou fonológicos idênticos em palavras morfológicas complexas. O autor aponta também que

haplology, in one form or another, seems to occur in almost any language with enough morphology to create phonetically identical sequences. [...] Thus morphological haplology seems to be universal in some sense but language-specific and even affix-specific in another sense. [...] Another problem concerns the interaction of haplology with other phonological properties, e.g., prosodic structure. In particular, I will show bellow that haplology sometimes depends on the suprasegmental properties of the complex word in question, such as syllabic structure and stress. (PLAG, 1998, p.199-200)

Plag (1998) estudou línguas germânicas (como o inglês e o alemão), sob o viés da Teoria da Otimalidade (PRINCE, SMOLENSKY, 1993; MCCARTHY, PRINCE, 1993) – doravante TO – e propôs que a haplologia resulta de uma família de restrições universais que proíbem a repetição de elementos idênticos, isto é, restrições baseadas no OCP, que interagem com o componente morfológico e fonológico, apagando sequências parecidas. Além disso, o autor propõe a hipótese de que a haplologia ocorre a partir dessas restrições em interação

com outras restrições prosódicas e morfológicas relevantes para a categoria morfológica em questão. Para esse estudioso, o *ranking* de restrições pertinentes para a ocorrência da haplologia varia de acordo com línguas específicas. Alguns exemplos de haplologia que constam no trabalho de Plag (1998) se encontram esquematizados em (1), abaixo:

- (01) Inglês – sufixo *-ize*, formador de verbos: *Minimize*, em vez de *\*minimize* (“minimizar”)  
(02) Alemão – sufixo *-in*, formador de feminino: *Bewunderin*, em vez de *\*Bewundererin* (“admirador”/“admiradora”)

O autor analisa esses e outros exemplos sob o viés da TO, e chega à conclusão de que as restrições da família do OCP são responsáveis pelos efeitos de haplologia morfológica encontrados. Portanto, para Plag (1998), é a interação do OCP com outros fatores típicos de cada língua e da situação morfológica específica de cada caso que explica, ao mesmo tempo, a universalidade e a variedade da haplologia.

De Lacy (1999, p. 1), que também observou o fenômeno a partir da TO, define a haplologia morfológica como sendo um processo em que “while there are two phonologically identical morphemes underlyingly, only one phonological string appears in the surface form”. Por exemplo, para formar o feminino singular em árabe, ocorre a adjunção do morfema *-ta* a um prefixo verbal, porém, quando esse prefixo também for terminado em *-ta*, apenas um dos morfemas se materializa na fala, como se pode observar no exemplo (2), abaixo, retirado de De Lacy (1999, p. 1):

- (03) *ta + ta + kassar* → *takassar* e não *\*tatakassar*

No entanto, De Lacy (1999), diferentemente do que propõe Plag (1998), acredita que esse fenômeno pode se tratar de um processo de coalescência, e não de apagamento de morfemas. Segundo Crystal (2000, p. 49), coalescência é “a união de unidades linguísticas que antes podiam ser distinguidas”, isto é, uma espécie de fusão de termos que antes estavam separados. De Lacy propõe que “haplology is coalescence. In other words, underlying phonological material of different morphemes merges in the output – there is no deletion” (1999, p. 2). Para o autor (DE LACY, 1999, p. 2), o que acontece na haplologia é a união de sons semelhantes desencadeada por qualquer restrição de marcação (chamada por ele de C, de “constraint”, em inglês), o que provoca a fusão desses sons no *output*. No exemplo (2) acima, a restrição *\*coronal* é relevante para <ta> e pode desencadear sua haplologia, mas *\*labial* não é. A proposta do autor é formalizada pela TO em hierarquias de restrições e tentativas de explicar qual é a mais importante através de *tableaux*. A diferença dessa abordagem é que o material fonológico de todos os morfemas está presente no *output*, enquanto na haplologia como apagamento, o material fonológico de um dos morfemas não está presente no *output*. O autor (DE LACY, 1999, p. 14) denomina OCP-generalizado a restrição que diretamente proíbe sequências idênticas de segmentos adjacentes. De acordo com ele, essa restrição e *UNIFORMITY*,<sup>2</sup> posicionadas acima de *MAX*,<sup>3</sup> podem produzir haplologia como apagamento; já, posicionando OCP-generalizado e *MAX* acima de *UNIFORMITY*, produz-se haplologia como coalescência.

<sup>2</sup> Restrição que proíbe a coalescência, determinando que nenhum segmento de *output* corresponda a mais de um segmento de *input*.

<sup>3</sup> Restrição que proíbe o apagamento, determinando que todo segmento do *input* corresponda a um segmento de *output*.

Para o autor, a haplologia é um processo de economia de estrutura que evita a violação de restrições e só ocorre se todas as especificações de traços subjacentes se mantiverem no *output*, o que, para ele, é uma exigência de identidade representada pela restrição IDENT-F, que garante que todos os traços do *input* sejam correspondentes aos do *output*. Continuando sua argumentação, De Lacy (1999) rejeita, ao longo de seu artigo, a visão clássica de que o OCP age provocando a queda da sílaba. Segundo ele, uma restrição como a OCP-generalizado, que bane sequências idênticas de segmentos, é desnecessária, pois ele considera que a haplologia ocorre não apenas entre sequências completamente idênticas, mas também entre unidades parcialmente idênticas. Dessa forma, para De Lacy, existe uma haplologia com identidade parcial, ou seja,

informally speaking, some features simply do not matter in partial-identity haplology. For Japanese and French, the feature [voice] is irrelevant in computing the identity of adjacent strings, while for Nisgha only [coronal] and [voice] (and perhaps [consonantal]) matter – all others are irrelevant. (1999, p. 14)

Um exemplo de haplologia na língua Nisgha (falada por uma tribo de aproximadamente 2000 pessoas, localizada na Columbia Britânica) acontece com a terceira pessoa do singular que é terminada em [t] e sofre queda se estiver adjacente com qualquer coronal desvozeada ([s], [t], ou [ʈ]), como a palavra /naks/ (“casar”):

(04) /naks/ + /t/ →[naks], em vez de \*[nakst]

Na visão do autor, no francês, como o traço vozeado é irrelevante para o fenômeno ocorrer, um nome terminado em /is/ ou /iz/, como a palavra *analyse* /analiz/ (“análise”), sofre haplologia com o sufixo -iste /ist/:

(05) /analiz/ + /ist/ →[analist], em vez de \*[analizist]

Concluindo, o autor (DE LACY, 1999, p. 35) afirma que a haplologia morfológica é um processo de coalescência que pode ser explicado pela hierarquia de restrições  $MAX \rightarrow C \rightarrow UNIFORMITY$ , em que C é qualquer restrição importante para a haplologia acontecer em determinado contexto. Essa conclusão do autor é bastante interessante porque representa que uma grande variedade de processos pode ser atestada, incluindo a haplologia de identidade parcial. Outro dado interessante é que não é necessário postular uma restrição OCP-generalizado que impede apenas sequências adjacentes idênticas, dando abertura para outros tipos de análises.

Com relação à haplologia no PB, existem alguns trabalhos que observam, de maneira geral, a haplologia no nível pós-lexical. Para Tenani (2002, p. 135), “os poucos estudos descritivos encontrados sobre o processo de haplologia no PB tratam das regras segmentais e da relação da aplicação do processo à velocidade de fala rápida e ao status informacional”. Para Tenani (2002, p. 137), “a haplologia é definida [...] como sendo um processo em que há a queda total de uma sílaba”. A autora (TENANI, 2002), ao longo de sua tese, tece uma discussão sobre a aplicação da haplologia nos domínios prosódicos entre as fronteiras

---

<sup>4</sup> O autor considera o símbolo [ʈ] como representativo de uma coronal desvozeada (DE LACY, 1999, p. 22).



de  $\phi^5$ ,  $I^6$  e  $U^7$ . Para esse estudo, produziu um corpus experimental em que controla as sílabas candidatas à haplologia nessas fronteiras. Após a análise dos dados, Tenani (2002, p. 116 e 119) conclui que “a haplologia se aplica entre todas as fronteiras prosódicas consideradas, inclusive entre *Us*” e que, “quanto mais alta a fronteira prosódica, menor é a ocorrência de haplologia”. A autora também controlou o acento das sílabas envolvidas no processo, entre frases fonológicas, e verificou que a haplologia é bloqueada apenas quando a primeira sílaba da sequência é acentuada; nos demais casos, o fenômeno ocorre.

Pavezi (2005, p. 751) considera a haplologia “como um processo fonológico no qual há a queda de uma sílaba quando há o encontro de duas sílabas semelhantes em fronteiras de palavras”. A autora (PAVEZI, 2005) observou dados do NURC-SP, focalizando a ocorrência da haplologia em contextos que envolvem o monomorfema *de* na variedade paulista do PB, e restringiu suas considerações aos fatores morfológicos. Com esse estudo, ela concluiu que, em contextos formados por monomorfema *de* + item lexical, como “de testes”, há o bloqueio da haplologia, que ocorre por uma motivação morfológica, enquanto que, em contextos formados por item lexical + monomorfema *de*, como “gos(to) de”, a haplologia não é bloqueada. Em outro estudo, a autora (PAVEZI, 2006) observou o contexto prosódico relevante para a aplicação da haplologia na variedade paulista do PB e, recuperando as conclusões de Tenani (2002), descreveu também a aplicação da haplologia entre as fronteiras dos domínios prosódicos definidos por Tenani (2002), porém em *corpora* de fala espontânea. Os resultados de Pavezi (2006) mostram que nenhuma das fronteiras prosódicas bloqueia a haplologia e, quanto mais alta é a fronteira prosódica, menor a tendência de ocorrer o processo.

Para Alkmim e Gomes (1982, p. 51), a haplologia acontece apenas “com as dentais, exceto a nasal, quando as sílabas envolvidas no processo forem ambas átonas e a primeira vogal tiver o traço [+alto]”, como se observa nos exemplos (06) abaixo (retirados de ALKMIM; GOMES, 1982, p. 48):

(06) Faculda(de) de letras; Cal(do) de cana

Leal (2006a, p. 44) também considera o fenômeno como a queda total de uma sílaba: “a haplologia é um tipo de redução em que há apagamento total de uma sílaba, se estiver adjacente a outra e se seus segmentos forem iguais ou semelhantes”. Em artigo, a autora, ao estudar o falar de Capivari, observou que

ao que concerne à haplologia, as consoantes plosivas dentais não são os únicos segmentos que estão compreendidos nesse processo fonológico, bem como as vogais não têm necessariamente o traço [+alto]. Os dados do falar de Capivari corroboram as características apontadas por Alkmim & Gomes (1982) de que as sílabas sujeitas à queda devem ser átonas, mas mostram que a proposta das autoras pode ser muito restrita para dar conta dos dados do falar capivariano. (LEAL, 2006b, p. 9)

Alguns exemplos de haplologia “atípica”, na terminologia de Leal (2006b), encontram-se nos exemplos (07), (08) e (09) abaixo:

<sup>5</sup>  $\phi$  é o símbolo para a representação de uma frase fonológica.

<sup>6</sup>  $I$  é o símbolo para a representação de uma frase entoacional.

<sup>7</sup>  $U$  é o símbolo para a representação de um enunciado fonológico.

- (07) na(da) de roubar
- (08) morei um po(*uco*) *com* a minha mãe
- (09) um mole(*que*) *com* outra

Para Leal (2006b, p.8), esses exemplos são atípicos, se comparados ao que Alkmim e Gomes encontraram em seu estudo: “houve haplologia cujos contextos consonantais possuem os traços [+coronal, -contínuo, -nasal], mas com sílaba CCV (para Alkmim & Gomes (1982), as sílabas sujeitas à queda devem ser CV)”. Isso indica que a haplologia pode acontecer com diferentes moldes silábicos. Leal (2006b) separa os casos em que ocorre a queda de uma sílaba cuja consoante do *onset* é diferente da consoante do *onset* da sílaba à sua direita e os chama de “redução silábica”. Contudo, a autora observa que, tanto na haplologia quanto na redução, a sílaba apagada é fraca, isto é, não possui o acento principal da palavra, permanecendo a sílaba forte. Observe os exemplos apontados por Leal (2006b, p. 7) como sendo redução silábica:

- (10) moran(*DO*) na rua; rouba(*VA*) boião de gás; eu qua(*SE*) morri

Observando os dados acima e considerando as conclusões de De Lacy (1999) e de Plag (1998), poderíamos nomear esses casos como haplologia de identidade parcial, já que as consoantes dos *onsets* das sílabas de cada caso partilham de traços semelhantes. Do mesmo modo, poderíamos considerar que alguns traços não são importantes para a ocorrência do fenômeno. Por exemplo, no caso de *rouba(va) buião* vemos que /b/ e /v/ só diferem nos traços [contínuo] e [estridente].

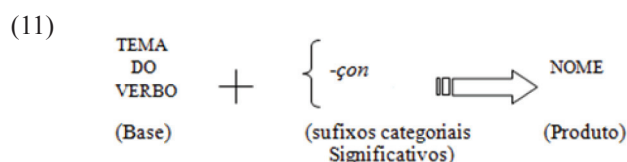
Leal (2006a, p. 98) considera que “pode haver ocorrência de haplologia com quaisquer segmentos, sem importar o traço sonoridade”, porém, apenas entre consoantes com alguns traços semelhantes (labial+labial; coronal+coronal e dorsal+dorsal), pois a autora mostra que o “contexto segmental formado por coronais /d/ e /t/ com variação em [sonoridade] foi produzido pelos informantes”.

Battisti (2004) estuda a haplologia sintática no PB falado no sul do país, através de entrevistas sociolinguísticas do *corpus* VARSUL, pelo aparato teórico da TO, e recupera a discussão de De Lacy (1999), observando mais uma vez se esse processo poderia ser encarado como um fenômeno de coalescência e não necessariamente de apagamento da sílaba. A autora lembra que, embora De Lacy (1999) considere que a haplologia morfológica é um processo de coalescência e sem OCP, ele afirma que uma análise que considera a restrição OCP-generalizado pode levar tanto a apagamento, como a coalescência. A partir de seus dados, a autora conclui que uma abordagem da haplologia sintática como coalescência só seria possível com fusão de sílabas iguais, mas, admitindo haplologia também entre sequências semelhantes, o fenômeno poderia ser concebido como apagamento ou coalescência. Battisti (2004, p. 37) resolve essa questão concluindo que, para o PB, o OCP é uma restrição importante para a ocorrência da haplologia e, por isso, ocupa posição privilegiada no *ranking* de restrições. Assim, a autora elimina a proposta de De Lacy (1999), que coloca o OCP abaixo de *MAX*, o que produziria a haplologia como coalescência. Essa conclusão da autora mostra que, independentemente do aparato teórico utilizado para a análise do fenômeno da haplologia, o OCP é importante para a análise desse processo no PB.

Como mostramos, a questão da haplologia é bastante complexa e vem sendo discutida por diferentes autores e de vários pontos de vista. Camara Jr. (2004[1964], p. 134) considera que a haplologia acontece apenas com sílabas iguais e adjacentes; já os trabalhos aqui apresentados consideram, na maioria das vezes, sílabas parecidas e que têm as mesmas consoantes ou ainda consoantes com alguns traços em comum. Além disso, observa-se que esse fenômeno pode ocorrer tanto na formação de palavras quanto no nível pós-lexical, em fronteiras de palavras e em demais momentos da hierarquia prosódica. É importante notar ainda, diante da diversidade do fenômeno, isto é, dos tipos de sílabas que são suprimidas e dos fatores que levam a essa ocorrência, que esse é ao mesmo tempo um fenômeno com características universais – por ocorrer em diferentes línguas e contextos – e particulares – por variar nos motivos que levam a essa ocorrência. Por fim, observa-se que a maioria dos autores considera que o OCP age condicionando a haplologia – sobretudo Battisti (2004) para o PB, que considera o OCP uma restrição importantíssima para a ocorrência desse processo, e Leal (2006a, p. 70): “pode-se dizer que o OCP é o princípio que rege a haplologia, pois proíbe segmentos consecutivos ou adjacentes que sejam idênticos”. Diante das análises da haplologia sintática no PB, observamos também que a atonicidade da sílaba suprimida parece ser um fator relevante no processo.

### Análise dos casos de Haplologia envolvendo o sufixo *-çon* em PA

Primeiramente realizamos a coleta e a organização dos dados que seriam descritos e estudados. Como neste trabalho estamos realizando um estudo de um tipo de processo morfofonológico condicionado pela derivação sufixal, isto é, a anexação de um sufixo a uma base (ROCHA, 2003), o sufixo em questão deve estar inserido em uma regra, ou seja, uma relação de regularidade que se estabelece entre uma base e um produto. Assim, separamos os itens lexicais que se encaixam na seguinte Regra de Formação de palavras (RFP):



A partir do *corpus*, foram listadas 31 palavras terminadas em *-çon*, das quais 7 sofreram o processo de haplologia e 4 o processo de haplologia seguido de alomorfa do radical, totalizando, assim, 27% das palavras listadas. Diante desses dados, iniciamos nossos estudos de acordo com os modelos fonológicos não-lineares, sobretudo a fonologia lexical e a geometria de traços. Como podemos observar na tabela 1, os casos de haplologia ocorreram nos verbos da primeira, segunda e terceira conjugações:

**Tabela 1. Casos de haplologia no PA separados por conjugação verbal**

	<i>Ocorrências: sufixo -çon</i>	
	quantidade	%
<b>1.ª Conjugação</b>	2	28,5%
<b>2.ª Conjugação</b>	3	43%
<b>3.ª Conjugação</b>	2	28,5%
<b>Total</b>	7	100%



Através do Quadro (1), nota-se a interação entre regras morfológicas e fonológicas, no processo de adjunção do sufixo considerado.

**Quadro (1). Análise de palavras que sofreram haplologia**

Devoçon	Acenson	suggeçon	
[devota] <sub>base</sub> [-soN] <sub>sufixo</sub>	[aseNde] <sub>base</sub> [-soN] <sub>sufixo</sub>	[suʒeri] <sub>base</sub> [-soN] <sub>sufixo</sub>	forma de base
			<b>léxico</b>
			<b>1º estrato:</b>
devotasoN	aseNdesoN	suʒerisoN	justaposição
de.vo.ta.soN	a.seN.de.soN	su.ʒe.ri.soN	silabação
			<b>2º estrato:</b>
de.vo.ta.sóN ∪ ∪ ∪ —	a.seN.de.sóN ∪ — ∪ —	su.ʒe.ri.sóN ∪ ∪ ∪ —	acento principal (regra <i>default</i> )
de.vo.sóN	a.seN.sóN	su.ʒe.sóN	haplologia
			<b>pós-léxico</b>
[devo'sõ] <sup>8</sup>	[asẽ'sõ]	[suʒe'sõ]	<i>output</i>

É importante, aqui, ressaltar o momento da silabação da palavra que está sendo criada, pois, através do quadro acima, notamos que a sílaba que sofre a queda no momento da derivação é uma sílaba leve e átona do tipo CV, enquanto que o sufixo é uma sílaba complexa (CVC) e pesada (pois tem a coda travada por consoante nasal) e, por isso, recebe o acento principal. Ao mesmo tempo, o sufixo carrega as informações morfológicas necessárias para criar um novo vocábulo, o que o torna primordial na estrutura da palavra que está sendo criada. Além disso, como a sílaba apagada na estrutura da palavra é átona, existe a possibilidade de que a haplologia aconteça depois da atribuição do acento. Como vimos nos trabalhos sobre haplologia sintática no PB, a atonicidade da sílaba é um fator recorrente nesse processo, dessa forma, pode ser importante também na ocorrência da haplologia morfológica. Segundo Massini-Cagliari (1999, p. 190), a atribuição do acento no PA acontece no segundo nível do léxico; neste caso, a haplologia aconteceria nesse mesmo nível.

Primeiramente, ocorre o estabelecimento do acento primário na sílaba do sufixo, que é pesada, e fica adjacente à sílaba leve do tema verbal. Assim, sílabas com consoantes que possuem segmentos parecidos ficam adjacentes. Por exemplo, na junção do sufixo *-çon* ao tema do verbo *devotar* ocorre a queda da sílaba <ta> por conta das consoantes /t/ oclusiva dental surda da sílaba e /s/ fricativa alveolar surda do sufixo possuírem traços semelhantes, ou seja, ambas têm o mesmo ponto de articulação, sendo anteriores, alveolares, e o mesmo valor quanto ao vozeamento, sendo ambas desvozeadas, porém têm modo de articulação diferentes, já que /t/ é oclusiva e /s/, fricativa. São, portanto, consoantes foneticamente semelhantes.

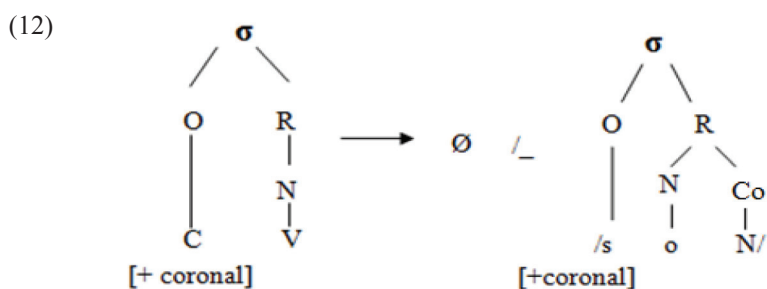
No caso da palavra *acenson*, observa-se a queda da sílaba <de> cuja consoante inicial /d/ possui vários traços comuns à consoante /s/ do sufixo *-çon*: ambas são alveolares

<sup>8</sup> Provavelmente, na época medieval, ainda não havia processos de alongamento (ditongação) das vogais nasais como há atualmente em PB (por exemplo: /boN/ → [bõũ]), por isso, optou-se por transcrever a realização fonética da sequência vogal oral seguida de arquifonema nasal como uma vogal simples nasalizada.

e anteriores, portanto têm o mesmo ponto de articulação; no entanto, a consoante /s/ é desvozeada e fricativa, enquanto /d/ é vozeada e oclusiva. As semelhanças entre as consoantes favoreceram a queda do <de>.

Por fim, em *suggeçon*, temos mais uma vez a queda de uma sílaba (<ri>), cuja consoante /r/, vibrante alveolar sonora, possui traços semelhantes aos da consoante /s/, que também é alveolar, porém fricativa e surda.

Nota-se, observando os casos de haplologia encontrados (*entençar* – *entençon*; *prometer* – *promisson*, por exemplo), que o traço [+coronal] está sempre presente nas sílabas que são suprimidas na formação do derivado, assim como também está presente na consoante /s/ do sufixo. Portanto, concluímos que, também em PA, o OCP age proibindo a adjacência de sílabas com consoantes de configurações de traço parecidas – no entanto, apenas quando há um condicionamento morfológico: quando a consoante inicial da segunda sílaba faz parte de um sufixo específico. Assim, temos a seguinte regra geral para os processos de haplologia encontrados:



Os dados corroboram os dizeres de De Lacy (1999), de que alguns traços simplesmente não importam para a ocorrência da haplologia morfológica, e de Plag (1998), de que algumas propriedades como a estrutura silábica e o acento podem ser fatores envolvidos na haplologia. Observamos aqui que todas as sílabas que “caem” são do tipo CV e átonas, o que nos leva a concluir que esses fatores são importantes para os casos de haplologia encontrados. Além disso, pode-se dizer que o OCP também é uma restrição que age nesses casos, colaborando para que sílabas com o traço [+coronal], na consoante do *onset*, não fiquem adjacentes na formação dos derivados em –çon.

Além dos casos abordados, há palavras em que encontramos também a alomorfia da vogal do radical juntamente com a haplologia, como podemos ver no quadro (2):

**Quadro (2). Análise de palavras que sofreram haplogogia seguida de alomorfia do radical**

<i>Confisson</i>	<i>promisson</i>	
[koNfesa] <sub>base</sub> [-soN] <sub>sufixo</sub>	[promete] <sub>base</sub> [-soN] <sub>sufixo</sub>	forma de base
<b>léxico</b>		
<b>1º estrato:</b>		
koNfesasoN	prometesóN	justaposição
koN.fe.sa.soN	pro.me.te.soN	silabação
<b>2º estrato:</b>		
koN.fe.sa.sóN — ∪ ∪ —	pro.me.te.sóN ∪ ∪ ∪ —	acento principal (regra <i>default</i> )
koN.fe.sóN	pro.me.sóN	haplogogia
koN.fi.sóN	pro.mi.sóN	Alomorfia do radical: alçamento da vogal
<b>pós-léxico</b>		
[kõfi'sõ]	[promi'sõ]	<i>output</i>

Na formação das palavras *confisson* e *promisson*, vemos a queda das sílabas <ssa> e <te>, respectivamente, que também são sílabas simples (CV), átonas, e que possuem traços em comum com a consoante /s/ do sufixo (no caso da sílaba <ssa>, trata-se, inclusive, da mesma consoante que há no sufixo). Além disso, também vemos o alçamento da vogal /e/ do radical que passa a /i/. Essa variação pode ser explicada porque a vogal /e/ se encontra em posição pretônica na palavra e alguns estudos apontam que poderia haver variação entre /e/ e /i/ nessa posição. Granucci (2001, p. 159), num estudo sobre o sistema vocálico do PA a partir das cantigas de amigo, afirma que

com relação às vogais pré-tônicas do período medieval, identificam-se cinco grafemas vocálicos orais: <a, e, i, o, u>. No entanto, diferentemente do que acontece com o sistema vocálico tônico em que as vogais se realizam plenamente, não existe nessa posição uma distinção fonética entre as vogais médias, uma vez que ocorre a neutralização das oposições entre as médias anteriores (/e/, /ɛ/) e posteriores (/o/, /ɔ/) que acaba por produzir um sistema vocálico em posição pré-tônica composto de cinco fonemas orais: /i/, /e/, /a/, /o/, /u/.

Fonte comprova, a partir das CSM, a ocorrência dos cinco fonemas vocálicos em posição pretônica no PA, porém ressalta que

embora a grande maioria dos termos não apresente variação, no que diz respeito à representação escrita de suas vogais pretônicas, foram identificadas algumas variantes gráficas, principalmente entre <e> e <i>, e entre <o> e <u>, em posição pretônica, nas *Cantigas de Santa Maria*. Tomando como exemplo algumas variedades do PB atual, em que há frequentes variações entre [e] e [i], assim como entre [o] e [u], em posição pretônica – pelo menos em determinados contextos – tomamos esses casos de variação gráfica, identificados no *corpus* analisado, como indícios de possíveis variações fonéticas entre essas vogais, no PA. (2010, p. 124)

Segundo Maia (1997[1986], p. 355), é possível acreditar numa variação entre /e/ e /i/ em vogais em posição pretônica, pois “o timbre das vogais átonas, sobretudo de *e* e *o* pretônicos, esteve, na fase antiga das diferentes línguas peninsulares, sujeito a grandes vacilações fonéticas, umas vezes do tipo espontâneo, outras, devido a fenômenos de tipo assimilatório”.

Como observamos no *corpus* casos em que há ocorrência de haplologia sem o processo de levantamento da vogal do radical, concluímos que se trata de um processo lexical, pois é nesse nível que ocorrem as exceções, muitas vezes condicionadas a processos morfológicos, como é o caso dos exemplos discutidos. Os casos de haplologia seguidos de alomorfa da vogal temática ocorreram apenas com verbos da primeira e segunda conjugações, como está detalhado na Tabela (2), abaixo:

**Tabela (2). Casos de haplologia + alomorfa da vogal do radical no PA separados por conjugação verbal**

	<i>Ocorrências: sufixo -çon</i>	
	quantidade	%
1. <sup>a</sup> Conjugação	2	50%
2. <sup>a</sup> Conjugação	2	50%
3. <sup>a</sup> Conjugação	---	---
<b>Total</b>	4	100%

Como pode ser observado nessa tabela, das quatro ocorrências de haplologia seguidas de alomorfa da vogal temática, duas envolveram verbos de primeira conjugação e duas envolveram verbos de segunda conjugação.

### Considerações finais

Observando a literatura sobre a haplologia, chegamos à conclusão de que é um fenômeno que ocorre em diferentes contextos e que pode ser encontrado tanto na formação de palavras quanto no nível pós-lexical. Os casos estudados neste trabalho ocorreram na adjunção do sufixo *-çon* e as sílabas suprimidas foram sempre átonas e do tipo CV. Portanto, as sílabas que desapareceram no processo de haplologia, em nenhum dos casos encontrados, eram idênticas à sílaba *-çon* do sufixo; desta forma, poderíamos classificar esses casos como haplologia de identidade parcial, seguindo a terminologia de De Lacy (1999). Observando os casos que sofreram esse processo e a literatura sobre esse assunto, concluímos que apenas o traço [+coronal] é importante na ocorrência dos fenômenos de haplologia encontrados, concordando, desse modo, com De Lacy (1999, p. 14), para quem “some features simply do not matter in partial-identity haplology”. Diante disso, notamos que o OCP age provocando a queda de algumas sílabas que tenham o mesmo traço [+coronal] que a consoante /s/ do sufixo, da mesma forma que pode agir provocando a queda de outros tipos de sílabas em outros contextos.

De acordo com Battisti (2004), o OCP é uma restrição importante para a ocorrência da haplologia e, por isso, ocupa posição privilegiada no *ranking* de restrições elencado pela autora para seu estudo sobre haplologia sintática no PB. Diante dos nossos dados, dos estudos de Battisti (2004) e de outros trabalhos explorados ao longo deste trabalho, há indícios de que o OCP seja importante para a análise universal do fenômeno da haplologia; assim, levantamos a hipótese de que o OCP é um fator importante para a ocorrência da haplologia morfológica no PA.

Notamos, também, que, em alguns momentos, a haplologia coocorreu com a alomorfa da vogal do radical; assim, em alguns derivados que foram submetidos à haplologia, houve a mudança de uma vogal pretônica /e/ do radical para /i/. Na literatura sobre o assunto,

vemos que é possível acreditar numa variação entre /e/ e /i/ vogais em posição pretônica no PA, fenômeno que também ocorre em algumas variedades do PB atual, o que explica essa alomorfa nos casos encontrados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, M; GOMES, C. Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavra. *Ensaio de Linguística*, v.7, p. 43-51, 1982.

BATTISTI, Elisa. Haplologia sintática e efeitos da economia. *Organon* (UFRGS), Porto Alegre - RS, v. 18, n. 36, p. 31-39, 2004.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise Fonológica. Introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática referente a Língua Portuguesa*. 36. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 2004 [1964].

CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

DE LACY, Paul. Morphological haplology and correspondence. In: DE LACY, Paul; NOWAK, Anita. (Orgs.) *University of Massachusetts Occasional Papers: Papers from the 25<sup>th</sup> Reunion*. Amherst, MA: GLSA, 1999. Disponível em: <http://roa.rutgers.edu/files/298-0299/roa-298-lacy-1.pdf> (ROA 289). Acesso em: 26 nov. 2009. p. 1-39.

FILGUEIRA VALVERDE, J. Introducción. In: ALFONSO X EL SABIO. *Cantigas de Santa María*: Códice Rico de El Escorial. Madrid: Castalia, 1985. p. XI-LXIII.

FONTE, J. S. *O sistema vocálico do português arcaico visto a partir das Cantigas de Santa Maria, de Afonso X*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua portuguesa) - FCL/UNESP, Araraquara.

GRANUCCI, P. M. F. *O sistema vocálico do português arcaico: um estudo a partir das rimas das cantigas de amigo*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) -FCL/UNESP, Araraquara.

LEAL, E. G. *Elisão silábica e Haplologia: Aspectos Fonológicos do Falar da Cidade de Capivari*. 2006a. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Estudo sobre redução silábica e haplologia no falar da cidade paulista de Capivari. In: PIRIS, Eduardo Lopes (Org.). *O papel do linguista na sociedade: Seleção de textos proferidos durante o VII Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Paulistana, 2006b. p.1-9.

LEÃO, Â. V. Questões de linguagem nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X. *Ensaio*: Associação Internacional de Lusitanistas (AIL). 2002. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/fale/pos/ail/leao01.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2005.

\_\_\_\_\_. *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o sábio*: Aspectos culturais e literários. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.



- MCCARTHY, J. J.; PRINCE, A. S. Generalized Alignment. *Rutgers Optimality Archive - ROA-7*. 1993. Disponível em: <<http://rucss.rutgers.edu/roa.html>>. Acesso em 1 dez. 2009.
- MAIA, C. *História do galego-português*. 2. ed. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta de Investigação Científica e Tecnológica, 1997. (Reimpressão da edição do INIC, 1986)
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A música da fala dos trovadores: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. 2005. Tese (Livre Docência em Fonologia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- METTMANN, Walter. Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria: Glossário*. Vol IV. Coimbra: Universidade, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Alfonso X, el Sabio. Cantigas de Santa Maria (cantigas 1 a 100)*. Madrid: Castalia, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Alfonso X, el Sabio. Cantigas de Santa Maria (cantigas 101 a 260)*. Madrid: Castalia, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Alfonso X, el Sabio. Cantigas de Santa Maria (cantigas 261 a 427)*. Madrid: Castalia, 1989.
- PARKINSON, S. As *Cantigas de Santa Maria*: estado das cuestións textuais. *Anuario de estudios literarios galegos*, Vigo, é V mesmop. 179-205, 1998.
- PAVEZI, V.C. Monomorfemas, haplologia e elisão. *Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. XXXIV, p. 750-755, 2005.
- \_\_\_\_\_. Haplologia entre fronteiras acima da palavra fonológica. *Estudos Linguísticos*, Araraquara, SP, v. XXXV, p. 1945-1951, 2006.
- PEÑA, M. *Afonso el Sabio. Antología com estudios preliminares y un vocabulario*. México: Porrúa, 1973.
- PLAG, Ingo. Morphological haplology in a constraint-based morpho-phonology. In: KEHREIN, W; WIESE, R. (Eds.). *Phonology and morphology of the Germanic Languages*. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 199-215.
- PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar*. New Brunswick: Rutgers Optimality Archive, 1993. (Technical Report 2). Disponível em: <<http://roa.rutgers.edu>>. Acesso em: 15 nov. 2009.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do Português*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- TENANI, L.E. *Domínios Prosódicos no Português do Brasil*. 2002. Tese (Doutoramento em Linguística) - Unicamp, Campinas, 2002.

## **BIBLIOGRAFIA NÃO CITADA**

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Escrita do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa: fonética ou ortográfica? *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n.2, p. 159-178, 1998.

\_\_\_\_\_. Legitimidade e identidade: da pertinência da consideração das Cantigas de Santa Maria de Afonso X como *corpus* da diacronia do Português. In: MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; GONÇALVES, Maria Filomena (Orgs.). *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. São Paulo/Araraquara: Cultura Acadêmica/Laboratório Editorial da FCL/UNESP-Araraquara, 2007. p. 101-126

YIP, Moira. The obligatory contour principle and phonological rules: a loss of identity. *Linguistic Inquiry*, Cambridge: MIT Press Journals, v.19, n.1, p. 65-100, 1988.